

A Prática de Ensino no Currículo de Pedagogia: uma possibilidade emancipatória?

Sem abrir mão de perceber os condicionantes macroestruturais no fazer pedagógico e suas intervenções na dimensão da formação docente, busco dialogar com a prática pedagógica do ensino fundamental, o estágio supervisionado do curso de Pedagogia e a possibilidade de fortalecimento da dimensão emancipatória¹ do fazer docente como ação possível e real nessa etapa da formação de professores.

Com este intuito, o Projeto Jurujuba² foi proposto a partir da minha experiência na disciplina de Prática de Ensino de um curso de Pedagogia de uma instituição privada, com o desejo de favorecer uma vivência alternativa à concepção e à prática tradicionais do estágio que não têm auxiliado aos futuros professores na elaboração pessoal da postura do professor, mas sim, permanecido como um espaço de reprodução. Acreditar que essa prática realmente pode favorecer experiências significativas para esses professores torna-se um encaminhamento utópico, no sentido que Santos (2000) nos sugere, a partir das circunstâncias reais,

(...) é, assim, o realismo desesperado de uma espera que se permite lutar pelo conteúdo da espera, não em geral, mas no exacto lugar e tempo em que se encontra. A esperança não reside, pois, num princípio geral que providencia um futuro geral. Reside antes na possibilidade de criar campos de experimentação social onde seja possível resistir localmente às evidências da inevitabilidade, promovendo com êxito alternativas que parecem utópicas em todos os tempos e excepto naqueles em que ocorreram efetivamente.(p.147).

Assim, o Projeto Jurujuba vem buscando superar a apatia da mera observação e da lógica tecnicista que é dominante nas propostas e em algumas práticas da disciplina de Estágio Supervisionado.

Por sugestão da diretora da unidade escolar, Beatriz, que manifestou interesse em um acompanhamento diferenciado das matérias escolares, foi organizado entre as estagiárias, grupos de aproximadamente oito alunos, promovendo atividades com jogos,

¹ Utilizaremos o termo práticas emancipatórias como Oliveira (2003), entendendo-as como táticas transgressoras, formuladas sobre bases emancipatórias no cotidiano das escolas e que, apesar dos mecanismos regulatórios, vêm desenvolvendo fazeres que nos permitem continuar a crer no potencial democratizante de nossas ações. (p.46). O termo emancipação, como Santos (1991), que a considera a ampliação e o aprofundamento das lutas democráticas em todos os espaços estruturais da prática social. (p.187)

² É realizado no Colégio Estadual Fernando Magalhães, situado numa comunidade pesqueira no bairro de Jurujuba em Niterói, Rio de Janeiro, desde o primeiro semestre de 2005.

sucatas e materiais diversificados no pátio da escola, aos sábados pela manhã, atendendo cerca de sessenta alunos da 1ª a 4ª séries do ensino fundamental.

O projeto não pretende ser uma intervenção paliativa para suprir as deficiências de uma escola que “pode ser melhor”. Ele pretende ser um espaço de politização e aprendizado democrático, isto é, um espaço para práticas diferenciadas, buscando o que Oliveira (2003) entende ser um caminho para a democratização social, mais do que uma formulação teórica, abstrata, de mudanças macroestruturais. Apesar dos mecanismos regulatórios, busca-se estabelecer uma proposta na qual caibam o maior número possível de práticas, tornando a vida cotidiana na escola mais plural e, portanto, mais democrática.

Essas experiências cotidianas e seu potencial transformador vêm sofrendo uma grande pressão do capitalismo liberal, que acentua nas relações entre os indivíduos as aspirações individualistas e consumistas que Santos (1991) entende como a “revalorização da subjetividade em detrimento da cidadania”. Isto é “a aspiração de autonomia, criatividade e reflexividade é transmutada em privatismo, dessocialização e narcisismo”(p.160). Portanto, o fortalecimento de práticas docentes emancipatórias assume um sentido revolucionário e inconformista que pode levar a novos *exercícios de cidadania*³ e, por isso, devem ser propagadas.

Nada disso se faz sem conflitos. É comum ouvir, com certa indignação, por parte dos estagiários, comentários dos professores observados, do tipo: *Esse entusiasmo vai passar logo, deixa você pegar uma turma pra valer para conhecer a realidade...* Neste âmbito, propor novas práticas pedagógicas e fomentar a esperança desses estagiários no futuro, acaba se apresentando como uma ação tão emancipadora quanto a criação de novas metodologias.

Por isso, buscamos novas formas de aproximação da realidade escolar. Será que a vivência cotidiana na escola acaba sendo cerceadora de esperanças, de possibilidades? Ou será que os que pensam dessa maneira apenas deixaram-se envolver pelas dificuldades concretas da realidade macroscópica que a todo momento intervêm nas ações concretas desenvolvidas sempre na microrealidade da grande escala”(Oliveira, 2003, p.62), mas que não as determinam?

³ Exercícios de cidadania compreendem práticas coletivas e não meramente individuais, que incentivem a autonomia, combatam a dependência burocrática, personalizem e localizem as competências interpessoais, estejam atentas às novas formas de exclusão social. (Santos, 1991, p.170-1)

Refletindo sobre essas questões, destacamos que não temos o objetivo de criticar a postura das professoras observadas, pois compreendemos o aviltamento que o professorado vem sofrendo. Procuramos centrar-nos nas possibilidades reais de aprendizado dos alunos que fazem parte do Projeto e nas práticas pedagógicas desenvolvidas pelas estagiárias, na medida em que possuem autonomia para inovar, repensar o currículo apresentado, disponibilidade de tempo e espaço para desenvolver os conteúdos.

Assim, podemos perceber a dificuldade das estagiárias em ousar nas práticas pedagógicas, no início do estágio, por atrelarem suas possibilidades às práticas já conhecidas, acabando por evitar novas experiências pedagógicas e dessa forma, limitarem-se, algumas, ao já sabido na sua ação.

Neste sentido, vários são os questionamentos quanto ao período em que as estagiárias permanecem nas observações nas salas de aula durante o estágio. Até que ponto esse trabalho pedagógico realizado tanto no estágio como no ensino fundamental vem contribuindo para a criação de novas práticas curriculares? Como alentar os futuros profissionais de que a utopia pedagógica pode estar mais próxima do que se imagina?

Muitos são os relatos das estagiárias sobre as rotinas e rituais cotidianos que Giddens (1997) entende como a “continuidade da prática – em si ativamente organizada - que conecta o fio das atividades do cotidiano com aquelas de ontem e do ano passado”. O ritual conecta firmemente a reconstrução contínua do passado com a ação prática, e a forma como o faz é patente. O ritual traz a tradição para a prática (p.82). Nestas situações, buscamos interpretar as “falas rituais”, as “ações rituais” e suas fissuras que a pedagogia da emancipação quer desafiar.

Nesse sentido, acompanhar as estagiárias nos seus grupos de alunos no Projeto Jurujuba, torna possível dialogar sobre suas escolhas pedagógicas, o que pretendem a partir dos conteúdos e métodos trabalhados, as experiências positivas ou não em relação a suas expectativas quanto ao aprendizado dos alunos e outros. Esses momentos, que acontecem principalmente em reuniões entre as professoras e as estagiárias, acabam por promover, além da troca de conhecimento, laços de interação e confiança que as relações cotidianas podem proporcionar. Essa interação também promove um processo educativo, cuja dimensão

vai muito além da escola, mas também está dentro dela, que faz suas escolhas por conteúdos, métodos, formas de organização pedagógica e

institucional no seu constituir-se cotidiano. E dentro dela podemos buscar desvendar os processos históricos que nos tornaram aquilo que somos através de práticas pedagógicas que contribuam para a emancipação social. Reinventando, portanto, cotidianamente, o fazer pedagógico no sentido de potencializar suas possibilidades emancipatórias. (Oliveira, 2005, p.25)

O Projeto Jurujuba ainda é uma possibilidade em aberto que tateia por práticas emancipatórias através do investimento na autonomia das estagiárias, buscando superar vários condicionantes como a falta de financiamento para sua manutenção, problemas com a merenda das crianças, para ampliar os espaços de discussão, produção de materiais e trocas de experiências com outros profissionais. Contudo, é possível perceber através das relações cotidianas no Projeto que os sujeitos envolvidos acabam despertando para aspirações mais solidárias que ultrapassam as necessidades e trocas imediatas, sensibilizam-se com as dificuldades vivenciadas pelos alunos.

Nesse processo, vivenciamos, “a importância do papel da escola como instância formadora, tanto na forma como foi concebida pela burguesia quanto pelas possibilidades reais de desenvolvimento de ações emancipatórias” (idem, p.36) que estão imbricadas na constituição da formação da cidadania para além das relações verticais do cidadão com o Estado (Santos, 1991).

É difícil mensurar a repercussão deste “campo de experimentação” na formação dos futuros professores e para os alunos que participam do Projeto, pois ainda que busquemos a autonomia e criatividade em relação aos modelos tradicionais de algumas práticas pedagógicas, mesmo acreditando com Certeau (1994) que as regras não se modificam por atos de vontade mas pela transgressão do seu uso, percebemos a necessidade de consolidar novas práticas para que elas possam de fato produzir novas regras.

Por outro lado, o cotidiano algumas vezes traz, através das ações dos sujeitos, pistas sobre os resultados do que se tem feito como foi o caso de uma mãe que na reunião de início de atividades letivas deste ano, levantou-se e espontaneamente falou a todos: *"Quero confirmar o meu filho no Projeto Jurujuba. Eu gosto do trabalho, ele também gosta e quer vir participar das atividades."* As demonstrações de carinho que as crianças manifestam quando passamos pelas salas durante o período de aulas da semana também nos apontam a positividade da nossa prática.

Penso que o Projeto Jurujuba, como experiência pedagógica, contribui para acreditarmos na nossa capacidade e vontade transformadoras, para além do que

encontramos nos modelos descritivos do que é a escola . Ele pode ser visto como uma contribuição efetiva para o que Santos defende em sua concepção de projeto educativo emancipatório, para

um novo tipo de relacionamento entre saberes e, portanto entre pessoas e entre grupos sociais. Um relacionamento mais igualitário, mais justo que nos faça aprender o mundo de modo edificante, emancipatório e multicultural. Será este o critério último da boa e da má aprendizagem.(Oliveira, 2005, p.33).

Considero, portanto, que o Projeto Jurujuba nos apresenta uma possibilidade para pensar o fazer pedagógico discutindo o lugar do estágio no currículo de Pedagogia e algumas práticas pedagógicas do ensino fundamental, buscando um *novo tipo de relacionamento* também no entrelaçamento maior entre esses fazeres.

Referências bibliográficas

BECK, Ulrich; GIDDENS, Anthony; LASH, Scott. *Modernização reflexiva: política, tradição e estética na ordem social moderna*. A vida em uma sociedade pós-tradicional. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1997.

CERTEAU, Michel de. *A Invenção do Cotidiano*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

OLIVEIRA, Inês Barbosa de. *Currículos Praticados entre a regulação e a emancipação*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

_____, ALVES, Nilda, BARRETO(orgs). *Pesquisa em Educação métodos, temas e linguagens*. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

SANTOS, Boaventura de Sousa. *A crítica da razão indolente: contra o desperdício da experiência*. São Paulo: Cortez, 2000.

_____. *Subjectividade, Cidadania e Emancipação*. Revista Crítica de Ciências Sociais, n.32. Coimbra: CES, p.170-187, jun.1991.